

MEMÓRIA DA INFÂNCIA OU INFÂNCIA DO AGORA?

João Paulo FERNANDES¹

Universidade Federal da Paraíba – UFPB/PPGL/CAPES

José Hélder Pinheiro ALVES

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PPGL

Resumo

A poesia brasileira, em contexto contemporâneo, tangencia a valoração moral e assume novas nuances estético-reflexivas, as quais dialogam inclusive com novos suportes e outras linguagens. É o caso da poesia de Arnaldo Antunes, especificamente, a infantojuvenil, observada por nós no projeto fonográfico “Pequeno Cidadão” (2009), objetivando nosso olhar ao poema-canção, homônimo à obra, explicitar aspectos da memória que reverbere a infância e os princípios de cidadania. Tais questões serão articuladas à teoria da “poesia impressa”, de Pound (2003) e da “poesia digital”, de Jorge Luiz Antonio (2008; 2010); coadunando com as contribuições do “poetArnaldo” às crianças do século XXI.

Palavras-chave: Poesia. Arnaldo Antunes. Memória.

Primeiros olhares

Uma? Duas? Ou três? Uma definiria, duas permitiriam escolhas, enquanto três abririam ainda mais o leque de possibilidades de olhares à poesia. A considerar esse último, tomo a metáfora de Guimarães Rosa, “a terceira margem do rio”, pontilhando diálogo com as prerrogativas de Ezra Pound acerca da poesia, que são “Olhar, escutar e pensar”, e algumas projeções imagéticas de sentimentos vastos, os quais podem ser sentidos pelos ritmos melódicos repetidos por ecos (as)simétricos.

A fim de delimitar o campo da poesia a ser abordado neste trabalho, tomamos Arnaldo Antunes em sua interface com o público infantojuvenil, mais precisamente o projeto fonográfico “Pequeno Cidadão”, de 2009. Nesse contexto, o destaque será dado às nuances teórico-reflexivas que tangenciam os princípios valorativos morais e apontam à construção de infância e da memória.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal da Paraíba, bolsista CAPES, sob orientação do professor José Hélder Pinheiro Alves.

Nessa construção, a poética de Antunes ecoa novos suportes e outras linguagens. Tais suportes e linguagens são norteados pelos conceitos de Jorge Luiz Antonio, Irene Machado e Lucia Santaella, os quais estabelecem, intrinsecamente, um paralelo conceitual com as abordagens teóricas sobre a poesia, a exemplo de Ezra Pound. Dessa forma, acreditamos na objetivação de olhar à poesia “infantil” de Arnaldo Antunes e elucidar aspectos da memória que se presentifica, temporalmente.

Não apresentaremos distinção entre poesia impressa e poesia digital. Na verdade, as aproximações serão consideradas, inclusive àquilo que se dar pelo signo verbal, de modo a reverberar, em nós leitores, a memória enquanto unidade não apenas de tempo, mas como instrumento de permanência acionado pelas lembranças do passado ou presente.

Uma leitura do poema-canção “Pequeno Cidadão” pede atenção aos seus múltiplos significados plasmados em versos. Metodologicamente, seguimos a proposta de interseccionar nosso olhar com algumas reflexões teórico-críticas de autores como Pound, Santaella, Machado e Antonio, entre outros que nos aproximam da poesia, da música, da canção e seus efeitos que aludem à criticidade da criança leitora.

O “pequeno leitor” em umas e outras palavras

A Literatura figurativiza os universos do sujeito, podendo representá-lo ou não. Optamos por considerar a Poesia enquanto delimitação territorial da palavra, que hora tematiza, outra estrutura, compondo o imaginário e/ou a imaginação do “pequeno leitor”. Nesse contexto de uso da linguagem poética, sabemos a relevância que o adulto exerce sobre a criança, principalmente ao que tange à apresentação de textos com cunho valorativo, de formação cidadã.

Como dito, esse caráter tem sua importância. No entanto, olhamos esse texto pelo viés da ludicidade poética, que desperta no pequeno leitor compreensão de suas funções sociais, sem abandonar aos princípios cognitivos inerentes a essa fase do sujeito. Pensando nisso, consideramos que a poesia, no contexto da contemporaneidade, assume novos suportes e dialoga com outras linguagens, a exemplo da “poético-digital”, aqui expressada por Arnaldo Antunes.

O “PoetArnaldo”, termo cunhado pelo crítico literário Amador Ribeiro Neto, condensa em uma única palavra o que chamaríamos de artista multifacetado, e para não repetirmos o que foi firmado pelo crítico, redimensionamos nosso olhar para uma vertente de sua poética,

isto é, ao seu trabalho dirigido ao público infantil e/ou infantojuvenil, e quanto a esse projeto em especial, temos uma ou duas coisas a pontuar.

Há uma Literatura infantil? Juvenil? Pequeno leitor? A essas questões haveria diversas possibilidades de respostas, a considerar fatores que vão desde a psicologia social, as subjetividades e cognições, as teorias sócio-política-culturais e tantas outras que tomam o sujeito como amostragem às suas pesquisas e análise, porém, assumimos a partir das considerações crítico-reflexivas da poesia para dizermos sim, que há no contexto da criança, e para ela, textos que corroboram a compreensão dos universos ao seu redor, muitas vezes apresentados através da poesia cantada.

A poesia cantada se junta à poesia visual em várias situações e contextos da criança, e aqui plasmada pela poética de Antunes. Nessa plasmação, a palavra condensa sons que se estendem pelo canto interpretado, permitindo novas nuances no que diz respeito à cidadania, bem como sua relação com as imagens contidas no vídeo-poema. Antes de adentrarmos nesse mérito, é válido considerar alguns registros sobre a relação da Literatura e a criança, bem como o contexto digital.

Ezra Pound norteia nossas reflexões crítico-interpretativas através da assertiva de que a) “Poesia é linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” e b) “Poesia é condensação”. (POUND, 2003). Nessa perspectiva, entendemos que o processo de significação não se restringe à poesia impressa, ou seja, a poesia transcende o verso e metaforiza-se por outros signos, visuais ou sonoros.

Dessa forma, o contexto digital também excede a impressão gráfica em livros, adentra ao suporte viral, em que o computador passa a ser veículo de uma nova poesia que acompanha novos ritmos, e transmuta o signo. Queremos dizer que não se trata de um simples deslocamento de mídias, mas como essa palavra e/ou imagem é (res)significada em novos suportes midiáticos.

No contexto das mídias digitais é válido considerar as contribuições de Irene Machado, quando afirma:

A eletrônica e a informática invadem todos os espaços, mesmo os mais privados, e é bem provável que os próprios poetas já estejam escrevendo seus poemas numa tela de computador. [...] é hora de examinar o que está acontecendo na tela do vídeo e no terminal do computador e considerar seriamente como a poesia vai, a partir de agora, dialogar com tudo isso. (1998, p. 11).

Tais abordagens de Machado são de suma importância à construção de uma nova identidade, não só de poetas, mas de leitores. A palavra na tela vai além de uma transposição,

ela dialoga com as características mais intrínsecas dos novos suportes, sem deixar de ser autônoma e de causar estranhamento no leitor. E os poetas são responsáveis por essa “antecipação”, a qual lançamos olhares na tentativa de compreender as interseções entre os sujeitos e os meios sociais passíveis de aprendizagem.

Essa abordagem trazida por Machado é fonte primária para considerarmos outros meios nem sempre novos, mas que projetam a Poesia além do impresso, que pode ser observada em estudos recentes do professor pesquisador Jorge Luiz Antonio, corroborando que a poesia digital se constitui de elementos temporais que marcaram épocas, mas não demarcam essencialmente, o tempo da poesia, mantendo, assim, diálogo com o destaque anterior de Ezra Pound no tocante à linguagem e sua permanência à novidade.

Ambientados nesse espaço, elementos como o cd-rom, o disquete, o vinil, apenas para citar alguns suportes tecnológicos, são meios que veiculam a “nova poesia”, além do livro, é claro. E talvez seja esse o aspecto que ganhe força, ou seja, um suporte não elimina o outro, pelo contrário, reforça a ideia de (re)criar novos sentidos através de ferramentas tecnológicas.

Há a nosso ver uma convergência entre mídias. E quanto a isso, Santaella defende que só é possível uma comunicação entre os sujeitos da contemporaneidade quando se compreende, mesmo que mínimo, elementos distintos de outras expressões artísticas amalgamados pela palavra, a exemplo da Literatura.

Utilizando-se da tecnologia, Antunes se volta ao público infantojuvenil no projeto fonográfico, ora abordado pelo viés poético-musical, corroborando para o imaginário desse novo leitor, que vai muito além do som e da palavra; ela amalgama em imagens que refletem imagens acerca do comportamento e/ou modos de conviver em sociedade.

Essas imagens nos conduzem a pensar a “memória” como metáfora do tempo, que se reinventa a cada tomada de lembrança do leitor/ouvinte do poema-canção aqui considerado, construindo uma identidade não só de leitor, mas de cidadão. Quanto a esse aspecto em especial, debruçamos sobre o objeto poético-musical, na tentativa de elencar algumas reflexões acerca das contribuições do legado multifacetado de Arnaldo Antunes às crianças do século XXI.

Do imaginário ao dever de casa

Tudo isso faz parte do imaginário da criança. Essa é uma afirmação comum que uma conversa (in)formal entre adultos pode ser usada para justificar ações, estripulias, comportamentos ou atitudes de uma criança. E na era digital isso não é diferente. Usar as

ferramentas tecnológicas para o desenvolvimento cognitivo da criança não é mais um caso isolado, elas fazem parte do dia a dia, interferem na execução de atividades, positivo ou negativamente; mas acaba por fazer parte da memória das novas gerações dos séculos XX e XXI, sem excluirmos sujeitos anteriores a esse período.

Santaella é precisa ao afirmar que: “O aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda informação, som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos, com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas.” (2003, p. 70-71).

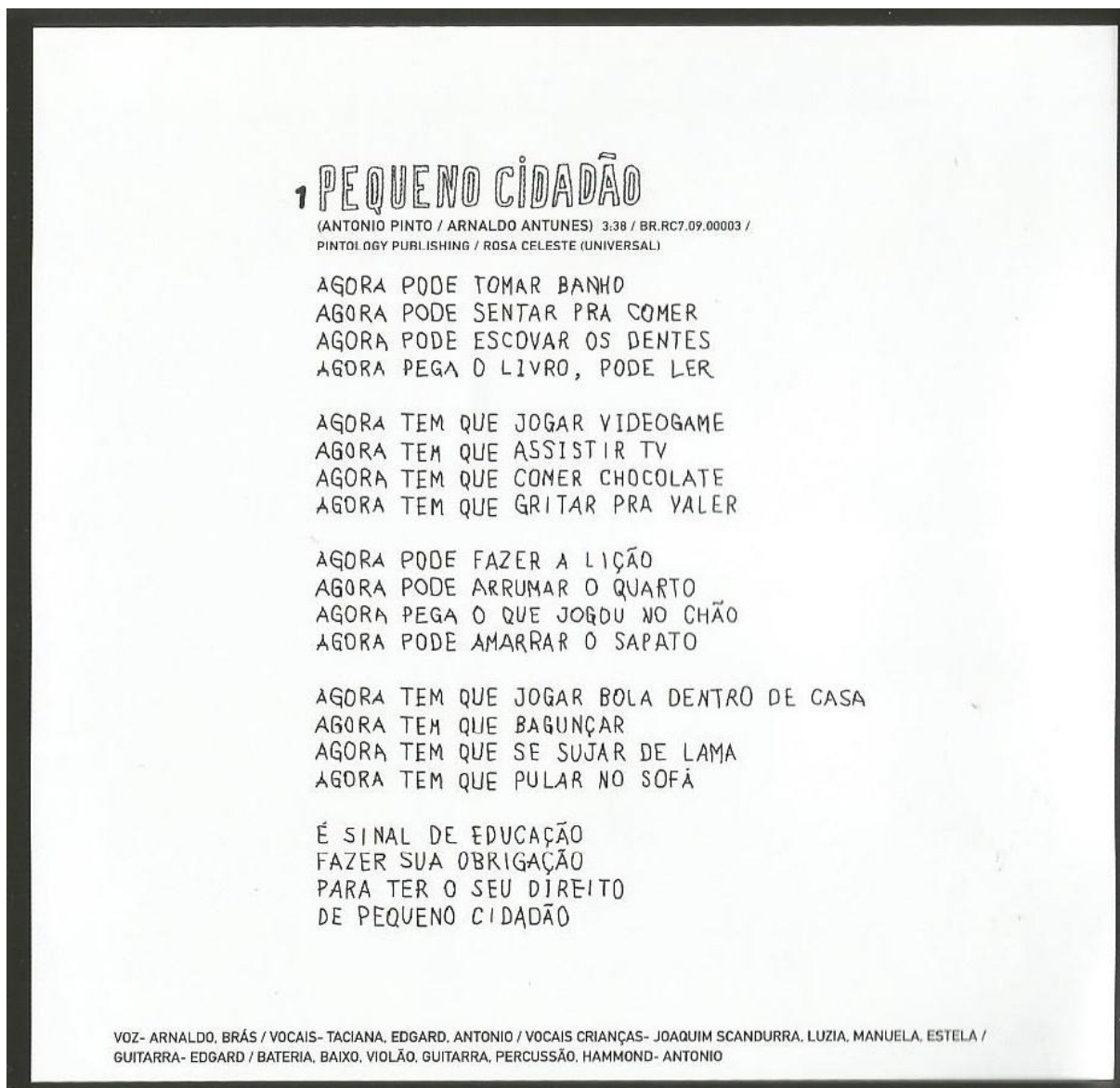
Em paralelo a esse contexto, objetivamos olhar o poema-canção, homônimo à obra (CD Pequeno Cidadão, 2009), aspectos da memória que reverberem a infância e os princípios de cidadania. Essa escolha retrata identificação, não pelo recorte infantil em si, mas pela possibilidade da construção de um imaginário que se inicia e permite amadurecimento ao longo dos anos até a vida adulta desse cidadão.

Em entrevista quando divulgava o trabalho, Arnaldo Antunes foi indagado acerca dos gêneros anteriores à sua produção, ou seja, dos contos de fada, ele respondeu mais ou menos assim “Não enfatizo/leio contos de fada para meus filhos”. Em oportuno ele não desmente sua importância ao longo dos anos, mas que prefere não aguçar seus filhos a lerem tais “fantasias”, prefere que eles conheçam novos gêneros que dialogue com questões mais próximas, e podem ser os contos atualizados, sem problema, desde que o fantástico não exceda a realidade.

De que realidade ele pode estar falando? Não seria o fantástico um dos maiores propulsores à imaginação? Claro que a entrevista recortada prejudica suas reais intenções, e para evitar quaisquer incompreensões, ressaltamos que sua postura em não defender o uso e/ou leitura do conto de fadas para seus filhos não tira os méritos, já que contribui significativamente quando oferece ao esse público uma obra artística capaz de promover criticidade, sem perder o lado lúdico.

Em suas palavras vemos ruptura. Não apenas verbalizada, mas que se constrói a partir de nova proposta com a palavra, o que não descarta a importância de um gênero que marca a Literatura Infantojuvenil. Os contos de fada fazem parte do imaginário dos sujeitos, em suas múltiplas atualizações, e isso é inegável, entretanto, a poesia de Antunes inova, e recria universos paralelos, indo além de um único caráter, o formador, provoca pensamentos acerca da formação cidadã dos sujeitos em contextos plurais.

Acompanhemos o poema-canção, aqui reproduzido tal e qual ao encarte do cd-rom, com o intuito de manter o diálogo com as artes que se convergem na unidade do projeto, aguçando os sentidos de seu leitor/ouvinte:



1 PEQUENO CIDADÃO
(ANTONIO PINTO / ARNALDO ANTUNES) 3:38 / BR.RC7.09.00003 /
PINTOLOGY PUBLISHING / ROSA CELESTE (UNIVERSAL)

AGORA PODE TOMAR BANHO
AGORA PODE SENTAR PRA COMER
AGORA PODE ESCOVAR OS DENTES
AGORA PEGA O LIVRO, PODE LER

AGORA TEM QUE JOGAR VIDEOGAME
AGORA TEM QUE ASSISTIR TV
AGORA TEM QUE COMER CHOCOLATE
AGORA TEM QUE GRITAR PRA VALER

AGORA PODE FAZER A LIÇÃO
AGORA PODE ARRUMAR O QUARTO
AGORA PEGA O QUE JOGOU NO CHÃO
AGORA PODE AMARRAR O SAPATO

AGORA TEM QUE JOGAR BOLA DENTRO DE CASA
AGORA TEM QUE BAGUNÇAR
AGORA TEM QUE SE SUJAR DE LAMA
AGORA TEM QUE PULAR NO SOFÁ

É SINAL DE EDUCAÇÃO
FAZER SUA OBRIGAÇÃO
PARA TER O SEU DIREITO
DE PEQUENO CIDADÃO

VOZ- ARNALDO, BRÁS / VOCAIS- TACIANA, EDGARD, ANTONIO / VOCAIS CRIANÇAS- JOAQUIM SCANDURRA, LUZIA, MANUELA, ESTELA /
GUITARRA- EDGARD / BATERIA, BAIXO, VIOLÃO, GUITARRA, PERCUSSÃO, HAMMOND- ANTONIO

Intencionamos, pois, observar a escolha das fontes, tanto do título quanto dos versos, as quais remetem ao movimento, inicialmente temático, mas em tessitura sem constrói pelo conjunto que pensa o sujeito em contextos reais sem perder a (des)ordem estabelecida pelo universo das descobertas e deveres desse pequeno cidadão.

As categorias gramaticais reconstróem e reordenam a gramática poética de Arnaldo Antunes. E nessas idas e vindas formais, seus efeitos vão além, digo, chegam aos ouvidos, olfato, entre outros órgãos dos sentidos, interligados por advérbios e verbos que torna o

poema canção atemporal, mesmo que pareça o presente, uma vez que “agora” se repete, exceto na última estrofe.

Enquanto adulto, olhamos a multiplicidade no poema, a criança sente. E talvez o sentir seja bem mais adequado à criticidade, do que nosso olhar crítico ao texto, o que pode dificultar o entendimento, enquanto a criança, por não se revestir desse feito aproveita muito mais o texto enquanto texto do que mesmo o adulto, quem sabe isso se deva a busca pelos porquês em seu tempo, sem digressões de um adulto.

A princípio e sem delongas, o poema estar para o leitor, bem como o leitor estar para o poema. Nessa relação não há relevos. Possivelmente, essa relação seja mais viável quando o leitor não intenciona análise, apenas sentir. E pela composição, o poema-canção “Pequeno Cidadão”, traz elementos necessários aos leitores/ouvintes, em especial ao pequeno leitor, despertando mais, muito mais, isto é, o senso de responsabilidade na execução de atividades, que nomeamos como “dever de casa”.

Esse dever de casa é, sutilmente, imperativo: “Agora PODE tomar banho”; mas que não interfere (negativamente), ao contrário, estabelece no pequeno cidadão a díade direitos x deveres, os quais seguirão durante toda uma vida, e porque não dizer que se formou ainda na infância e permanece em seu imaginário? Dessa forma, observamos a função social da poesia em diálogo com os deveres sociais do cidadão, ambos instaurados pela palavra cantada, ou melhor, pelo poema-canção do PoetArnaldo.

A poesia promove no leitor, e em contextos digitais, podemos chama-lo de leitor/ouvinte, sentimentos múltiplos, os quais podem ser expressos pela musicalidade interna, mas são aguçadas pela interpretação poético-musical. Outros fatores são importantes em sua composição, os quais são revelados pelas imagens, umas visivelmente notadas, outras que requerem um pouco mais de atenção.

A poesia é inesgotável. Em interface com outras mídias esse aspecto ganha ainda mais força, uma vez que a possibilidade de ser lida/sentida por novos leitores adentra universos nunca antes frequentados. Tudo isso nos leva a crer na interseção entre mídias, entre artes, valores, identidades, que têm o sujeito como cerne, e é capaz de se reinventar pelos signos e se construir como cidadão participante da sociedade.

Algumas (in)conclusões

Desde que ouvimos pela primeira vez o poema-canção de Arnaldo Antunes, as primeiras imagens sonoras, os sons ordenados, a memória passou a reverberar as

possibilidades de como esse texto apresenta nuances, não apenas poéticas, mas também de caráter valorativo que se amalgama à forma poética e estabelece com o leitor permissões que vão além dos versos.

A poesia de Antunes é multifacetada, ele é um poeta multifacetado. Mas um conceito, uma definição pode ser redundante; e por isso lançamos nosso olhar, mesmo que mínimo, à poesia, aliás, parte dela. Através de “Pequeno Cidadão” é possível verificar que universos paralelos são construídos, em que o imaginário é aguçado, o fantástico não é esquecido.

A poesia de Arnaldo vai além do verso, dialoga com outros suportes, converge com outras artes, resultando em um conjunto de metáforas de efeito sonoros, melódicos, conceituais, permitindo maiores reflexões, uma vez que os olhares promovam a inserção do sujeito enquanto agente de seus papéis em sociedade.

Por tangenciar ao modelo “didático” da Literatura Infantojuvenil, Antunes contribui diretamente com novas possibilidades às crianças do século XXI, sem abandonar o lúdico, promove a desautomatização de atividades (direitos x deveres) e aguça a criticidade do “Pequeno Cidadão”.

Referências

ANTONIO, Jorge Luiz. **Poesia digital**. São Paulo: Navegar Editora, 2010.

ANTUNES, Arnaldo. **Pequeno cidadão**. 2009.

MACHADO, Irene. **Poesia e tecnologia**. In: Revista da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo: SMC, 1998.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

POUND, Ezra. **Abc da Literatura**. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

RIBEIRO NETO, Amador. **Duas ou três coisas sobre poesia popular brasileira**. In: Revista conceito. João Pessoa: ADUEPB, 2000.

SANTAELLA, Lucía. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SOUZA, Malu Zoega de. **Literatura juvenil em questão: aventura e desventura de heróis menores**. São Paulo: Cortez, 2003.